

NOMES PRÓPRIOS EM SÉRGIO VAZ: A GENERALIZAÇÃO DO SUJEITO PERIFÉRICO E A IDENTIFICAÇÃO CONSEQUENTE

MARIANA ALVES

Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: marianaalves.ufrgs@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7960-643X>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 8

Número 1

Resumo:

Movimento contemporâneo de força nacional, a literatura marginal traz à tona discussões até então secundarizadas pela elite dominante do que ficou canonicamente estabelecido como arte, como belo e como Literatura. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo promover um debate a respeito da representação do sujeito periférico na obra do poeta Sérgio Vaz, autor do movimento literatura marginal. Por meio de uma análise embasada na teoria dos nomes próprios, analisa-se a generalização do sujeito periférico feita nos poemas “Pé de Pato”, “Os Miseráveis”, “A poesia dos deuses inferiores”, “Gente miúda” e “Ornitorrinco”. Conclui-se que a generalização feita pelo uso dos nomes próprios gera uma identificação no leitor periférico, que, ao preencher a lacuna semântica dos nomes próprios, vê a si mesmo espelhado nessa arte.

Palavras-chave: literatura marginal; Sérgio Vaz; poesia; semântica; nomes próprios.

*A minha Poesia,
apesar de pouca e rala,
cabe na tua boca
dentro da tua fala.
Apesar de leve e rouca,
chora em silêncio
mas nunca se cala.
E apesar da língua sem roupa,
não engole papel,
cospe bala!
(VAZ, 2013, p. 56)*

1 A literatura marginal

Movimento contemporâneo de força nacional, a literatura marginal traz à tona discussões até então secundarizadas pela elite dominante do que ficou canonicamente estabelecido como arte, como belo e como Literatura. Ferréz (2005) destaca que os escritores periféricos chegaram “arrombando a porta” dos movimentos literários e entraram, reagindo com a palavra, propondo uma literatura de rua feita pelo povo e para o povo: “Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo.” (FERRÉZ, 2005, p. 3) Com a finalidade, portanto, de ser uma ruptura com o canônico, a literatura marginal aborda temas do cotidiano da periferia, tais como a desigualdade vivenciada diariamente por essa população e a fome e a violência decorrentes dessa condição, a precariedade da infraestrutura urbana e das relações de trabalho, a necessidade de ascensão social e o racismo estrutural.

Com seu discurso inovador, o movimento da poesia marginal ganhou o Brasil. À procura de modificar a representação da periferia, legitimando seu povo, a proposta estética é iconoclasta: a estética é a da periferia. A Literatura assume, então, uma atribuição fundamental como projeto de intervenção social, falando das problemáticas do povo na língua dele e levando esse sujeito periférico a assumir seu papel de cidadão por meio da poética.

O “poeta vira-lata”, como se autointitula Sérgio Vaz, faz-se essencial no contexto da literatura periférica, visto que dedica sua vida a projetos que visam à democratização da cultura nas zonas marginalizadas com as quais tem contato e que já impactaram inúmeras vidas em diversas outras regiões do Brasil. Idealizador da Cooperifa, cooperativa que promove saraus semanais abertos ao público na periferia

de São Paulo, Vaz transforma sua realidade em poesia ao fazer de bairros cotidianos seus cenários de reflexão e crítica social: “Minha poesia vem das ruas que os anjos não costumam frequentar” (VAZ, 2016). A esse respeito, Heloísa Buarque de Hollanda, em apresentação do livro *Literatura, pão e poesia* (2012), do poeta, afirma que o uso do lugar-personagem torna o cenário um “fator literário e textual forte tão importante quanto seus habitantes” (HOLLANDA, 2012, p. 8.). Já Chico César, no prefácio de *Flores de Alvenaria*, propõe que

Das delicadezas que a vida própria cria, contra a morte torrencial e malacostumada, voraz nos territórios desvalidos, nos chegam estes versos como se viessem montados na garupa de um motoboy que cospe flores incendiárias plantadas nos aquêns dos suburburinhos. É a fala de quem não aceita ser deletado pela bala do verniz corretor da rota academicista e sua frota de carros importados, estacionados dormentes no pátio das universidades públicas em privadas tornadas. (CÉSAR, 2016, p. 5).

A literatura marginal escrita por Vaz, portanto, volta seu foco para esses habitantes do cenário periférico. O presente artigo propõe-se, então, a entender o modo como tal representação não canônica é feita para que se possa evidenciar os feitos da literatura marginal no que tange a representação desse sujeito e as consequências dessa escrita ruptiva.

2 Teorias dos nomes próprios e a análise linguístico-literária

O presente artigo objetiva promover um debate a respeito da representação do sujeito periférico na obra de Sérgio Vaz. Faz-se necessária, para isso, uma breve introdução quanto à teoria dos nomes próprios e uma revisita ao conceito de signo, embasamento para a análise aqui empreendida.

Platão, em *Crátilo*, tratou dos nomes como as representações das ideias e das coisas. Posteriormente, a teoria descritivista, em linhas gerais, afirmou que “o nome próprio refere indiretamente, por uma alusão a propriedades geralmente exprimível através de conjuntos de descrições” (COSTA, 2009, p. 185). Os estudos de Russell (1905), ainda, mostram-se relevantes na medida em que o autor sugere que, ao usar-se um nome próprio em terceira pessoa, o que há na mente do falante é uma descrição composta por diversas outras descrições. Costa (2009), em sua análise das diversas vertentes dessa teoria, estabelece o seguinte:

O fato dos nomes próprios não conotarem sentidos específicos não quer dizer que eles não conotam sentido algum. Os nomes próprios conotam descrições de forma solta (in a loose way). Longe de ser um defeito, é isso o que dá ao nome próprio a sua imensa flexibilidade de aplicação. (COSTA, 2009, p. 192)

Nomes próprios, nessa ótica, portanto, não têm semântica intrínseca, mas referenciam entidades nos mundos possíveis de modo mais flexível, a partir de um conjunto de descrições. Para Brito (2003), a univocidade da referência somente pode ser determinada em relação ao uso, pois há a necessidade de se constituir os objetos para referência na linguagem comum. (Brito, 2003: 119–20).

Outro fator relevante para a presente discussão é o signo linguístico. Saussure (1916) propôs tal ideia como a união de um significado e um significante, sendo este uma imagem acústica e aquele um conceito, o qual está no plano das ideias. Dessa forma, é possível interpretar a utilização de nomes próprios genéricos – os quais serão protagonistas desta análise – como uma imagem acústica ligada a um conceito psicológico geral.

A essa flexibilidade de aplicação dos nomes próprios como conceitos linguísticos gerais cuja semântica depende da referência constituída na linguagem em uso é que será anexa a análise a respeito dos escritos de Sérgio Vaz. Da mesma forma que Vaz propõe a inesperada aproximação da literatura com a realidade periférica, este artigo apresenta a união de linguística e literatura na intenção de aproximar os estudos que muitas vezes são vistos como opostos. Entende-se a complementaridade dessas áreas e a potencialidade que uma análise linguístico-literária pode oferecer à interpretação do dito: “[s]erá, então, através da literatura que se buscará dizer algo sobre o funcionamento da língua, com ênfase em [...] seus efeitos sobre o falante.” (MILANO, 2017, p. 77).

Tal decisão justifica-se também na própria ideia de Vaz a respeito do fazer poético:

Num país onde quase ninguém lê, escrever é quase um sacerdócio.
Ao contrário do que muitos pensam, ser poeta não é um privilégio, é um castigo.
Porque escrever dói, arranca pedaços e deixa marcas profundas no coração.
Muitas vezes ele desce até o inferno para que o leitor suba ao céu e leia sua dor como se fosse dor alheia. É a magia das palavras.
Escrever é sangrar um pouco todo dia na presença de testemunhas que assistem a tudo, mas não podem fazer nada.
E de tão trágicos, os poetas, mergulham em poças de letras feito quem se afoga no fundo do mar.
É quando o poema prende a respiração para que outra pessoa possa respirar.
(VAZ, 2018, online).

Vaz discorre sobre as dificuldades da criação poética em um país no qual a leitura não é amplamente incentivada mas destaca que, ainda assim, ele vê o ofício como mágica. A “magia das palavras” mencionada pode ser interpretada como o efeito do uso da linguagem poética no público-alvo do autor, o qual, sabe-se, engloba a população periférica. Em sua carreira, Vaz veementemente enfatiza seu interesse pela democratização da literatura, ação que desempenha por meio da linguagem acessível que utiliza em seus escritos.

Tendo isso em vista, pretende-se, então, empreender a análise dos efeitos do uso da língua no interlocutor da obra de Vaz. Objetiva-se, assim, compreender de que modo a poética da literatura marginal possibilita que o leitor respire.

3 Uso de nomes próprios por Sérgio Vaz: a generalização do sujeito periférico e a identificação consequente

Sérgio Vaz utiliza a escrita como arma de luta, incentivando outros autores a fazerem o mesmo uso, mediante sua atuação na Cooperifa. Com discursos de incentivo à educação, ao ingresso de periféricos nas Universidades do país e à leitura como forma de resistência da comunidade por tanto tempo oprimida e silenciada, Vaz demonstra sua sede por igualdade efetiva de direitos e sua crença em projetos educacionais como possibilidade de ascensão social.

Para além disso, Vaz faz uso do seu lugar como poeta para retratar o cotidiano periférico e desconstruir preconceitos, dando visibilidade à diversidade dos marginalizados e ao potencial deles, seja como autores, seja como cidadãos críticos. Com a finalidade de representar a vida periférica como ela é, sem a visão estereotipada de inferioridade, Vaz, em *Literatura, pão e poesia* (2011) e em *Colecionador de pedras* (2007), narra diversos aspectos cotidianos que, em sua maioria, são baseados “em fatos que não aconteceram, mas que poderiam ter acontecido facilmente” (VAZ, 2012, p. 30), como estabelece a nota de rodapé de “A poesia dos deuses inferiores”, do livro *Literatura, pão e poesia*.

Vaz relata situações comuns da quebrada, as quais não têm sujeito específico e, portanto, poderiam acontecer com qualquer morador periférico. A ferramenta operada pelo autor para tornar seus textos condizentes com essa realidade generalizada é estratégica: o uso de nomes próprios. Por não terem semântica intrínseca, os nomes próprios podem ser utilizados para referir qualquer entidade no mundo, e os escritos de Vaz refletem esse fenômeno: ao utilizar um nome próprio qualquer, o autor abre espaço para a possibilidade da identificação. Os nomes dos sujeitos periféricos representados nos poemas geram nos sujeitos periféricos leitores a sensação de espelhamento mediante o encaixe na denotação a partir da descrição feita.

Tal hipótese é visível no poema “Pé de Pato”, em *Colecionador de pedras*, que segue:

Bruno matou a mãe
matou o pai
os irmãos
os avós
os vizinhos;
Matou todo mundo de saudade
quando foi pra faculdade. (VAZ, 2013, p. 98)

Exemplo do desejo da ocupação da Universidade por periféricos, “Pé de Pato” retrata, de maneira inicialmente ambígua – afinal, “a malandragem fica por conta de quem lê” (VAZ, 2012, p. 14) –, a figura de Bruno, que matou todos **de saudade** ao ir para a faculdade. **Bruno**, apesar da intuição inicial de que é o sujeito do poema, serve como uma lacuna a ser preenchida pelo leitor; **Bruno**, por ser nome próprio e não ter semântica intrínseca, pode referenciar qualquer periférico que se identifique com a imagem acústica **Bruno** e, então, passar a ser ele mesmo o sujeito do conceito do signo **Bruno**.

O seguinte excerto, de “A poesia dos deuses inferiores”, de *Literatura, pão e poesia*, também é representativo dessa discussão: “A Guerreira em questão morava no topo da favela, lá, onde subindo a ladeira mora a noite, e chegava do trabalho pelas dez.” (VAZ, 2012, p. 30). O uso de letra maiúscula para sinalizar um nome próprio no lugar de um substantivo comum ou adjetivo abre precedente para a interpretação de que esse nome, **Guerreira**, também funciona como lacuna semântica, na qual o leitor deve pôr a si mesmo como referente para que, adiante, quando a personagem for nomeada, **Elizandra**, a identificação já esteja consolidada. Aqui é evidente o tal conjunto de descrições que é exprimível do nome próprio, visto que **Guerreira** é uma descrição composta por outras descrições, tal como a noção de alguém que batalha diariamente para vencer as dificuldades apresentadas pela vida não privilegiada. Assim, o uso de **Guerreira** como nome próprio já contém em si outras descrições conhecidas pelo leitor periférico, o que garante a identificação mediante a generalização.

No poema “Os Miseráveis”, em *Colecionador de pedras*, o uso de nomes próprios como generalização recebe outra roupagem:

Vitor nasceu no jardim das margaridas
Erva-daninha nunca teve primavera
Cresceu sem pai sem mãe sem norte sem seta
Pés no chão, nunca teve bicicleta.

Já Hugo não nasceu, estreou
Pele branquinha, nunca teve inverno
tinha pai, mãe, caderno e fada-madrinha.

Vitor virou ladrão
Hugo salafário
Um roubava por pão
O outro para reforçar o salário.

Um usava capuz
O outro gravata
Um roubava na luz
O outro em noite de serenata.

Um vivia de cativo
O outro de negócio
Um não tinha amigo, parceiro
O outro, sócio.

Retrato falado Vitor tinha cara na notícia
Enquanto Hugo fazia pose pra revista.

O da pólvora apodrece impenitente
O da caneta enriquece impunemente
A um só resta virar crente
O outro é candidato a presidente. (VAZ, 2013, p. 57)

A dicotomia proposta, em uma clara referência ao autor francês Victor Hugo, remete aos problemas decorrentes da desigualdade social. A opção por “Vitor” em vez de “Victor” parece visar ao abasileiramento, para que seja mais facilmente reconhecido como um nome ordinário. A manutenção de “Hugo”, nome próprio sem semântica intrínseca, contudo, parece já vir com uma carga de referência denotada, qual seja, aquela da burguesia francesa. Por essa razão, seria impossível a identificação e o conseqüente espelhamento em Hugo por parte do leitor periférico.

Tais cargas, entretanto, não fazem com que os nomes próprios em questão deixem de se encaixar na teoria aqui proposta, apenas reforçam-na: **Vitor** transparece como uma lacuna possível de ser preenchida por uma entidade referente a qualquer sujeito periférico que sofre todos os dias na luta pelo ganha-pão, enquanto **Hugo** é uma lacuna semântica que deve ser preenchida por qualquer entidade não periférica, elitizada. O poema resulta em o sujeito periférico reconhecendo a si mesmo na figura de **Vitor** e reconhecendo diversas outras entidades na figura de **Hugo**, por meio do feixe de descrições que é dado sobre ele.

De certa forma, é possível reforçar esse argumento ao levar-se em consideração o seguinte trecho de “Literatura das ruas”, em *Literatura, pão e poesia*: “[d]entro do livro ou sob o cárcere do privilégio, ela se deita com Victor Hugo, mas não com *Os miseráveis*.” (VAZ, 2012, p. 26, grifo do autor). Nele, Vaz, em uma dura crítica à literatura de pedestal, opõe **Victor Hugo** a **Os miseráveis**, sendo estes a representação da literatura marginal e seus autores, e aquele a literatura canônica,

usando, para isso, “Victor”, e não “Vitor”. Diante do estudo aqui explorado, assim, entende-se que o uso de nomes próprios têm potencial para causar nos leitores periféricos o efeito do fenômeno de espalhamento mediante preenchimento da lacuna semântica.

A imagem de “os miseráveis” aparece também em *Colecionador de pedras*, no poema “Gente miúda”:

Daniel não tinha documentos,
RG, certidão ou carteira profissional.
Não tinha sobrenome,
não tinha número, nem cidade natal.
Quase um bicho, dormia na rua sobre as notícias
e acordava na sarjeta, na calçada ou no lixo.
Os dentes, em intervalos,
mastigavam as migalhas do mundo,
as sobras do planeta.
Era soldado
das tropas dos famintos.
Os trapos – fardas dos miseráveis –
cobriam-lhe apenas o peito, a bunda e o pinto.
Sangrava de dia
o açoite do abandono.
Amigos? Só os cães
que o protegiam dos seres humanos.
Morreu
velho e abatido
depois de viver, todos os dias,
durante trinta e sete anos
como se nunca tivesse existido. (VAZ, 2013, p. 30)

Neste poema, Vaz utiliza o nome próprio **Daniel** para criar uma verossimilhança para o personagem principal de sua história. Parte da tropa dos famintos, vestindo a farda dos miseráveis, Daniel tem sua realidade aproximada daquela dos animais que vivem nas ruas: “Quase um bicho, dormia na rua [...] / [...] Amigos? Só os cães / que o protegiam dos seres humanos”, em uma dura crítica ao abandono parental e ao racismo estrutural (“Sangrava de dia / o açoite do abandono”). No percurso teórico aqui traçado, então, a lacuna semântica **Daniel** é preenchida pelo leitor periférico que pode identificar-se por viver ou já ter vivido em situação parecida. Essa é uma possibilidade concreta na poética de Vaz devido às ações do autor de democratização de sua arte por meio da exposição dos poemas em lambe-lambes pelas ruas da cidade de São Paulo. Exemplo disso é o projeto idealizado pela *designer* Silvana Martins em 2014:

Figura 1: Lambe-lambes com poesia de Sérgio Vaz pela periferia de São Paulo



Fonte: Revista *Rede Brasil Atual*

A esse respeito, Vaz posicionou-se:

[n]esses 25 anos, aprendi que a poesia não pode ficar presa nos livros. Tem que ir pra rua, pras praças, pros bares. A palavra tem força. Essa revolução cultural que vive a periferia tem tudo a ver com essa força da palavra falada. (VAZ, 2014, online)

Assim como em “Gente miúda”, em “Ornitorrinco”, Vaz aproxima o sujeito periférico de uma imagem animalésca:

Jamilton
Nasceu no Pará
Numa usina de carvão.
Como o pai, seu Vavá,
Também começou aos seis
Com uma pá na mão.
Cresceu sem vitaminas
Cheirando fumaça
E inalando dioxinas.
A brasa
Queima os sonhos
A pele
Os pés
E as mãos.
Só não queima
O catarro preto
Que sai do pulmão.
Aos onze,
Doente e mutilado
Depois de tanto trabalhar,
O menino churrasco
Por invalidez
Vai se aposentar.
Carne de segunda
Este bicho
Não tem pêlo

Não tem pena
Só osso.
Os dedos,
Unidos pelo fogo,
Parecem uma pata...
Também pudera
Ele é filho
De um animal estranho: gente. (VAZ, 2013, p. 35)

Ao criticar o trabalho infantil que tem causa na necessidade gerada pela desigualdade social, Vaz utiliza a imagem acústica **Jamilton** para aproximar o leitor da reflexão que propõe: o trabalho familiar e infantil é hereditário, em um ciclo sem fim de gerações doentes e mutiladas pela sociedade capitalista. Neste poema, o leitor periférico – e o leitor periférico migrante – veem-se nas condições de trabalho precárias e preenchem as lacunas semânticas **Jamilton** e **Vavá**, o que mobiliza ainda mais fortemente a identificação, pois o leitor não vê apenas a si mesmo no poema, mas também vê seus ancestrais representados nele.

Tendo em vista a exemplificação do funcionamento do uso de nomes próprios na poesia de Sérgio Vaz, entende-se, por fim, que eles funcionam como meio de generalizar o sujeito periférico, evidenciando que as ações desenvolvidas e os lugares ocupados por entidades de referência como **Bruno, Guerreira, Vitor, Daniel, Jamilton** e **Vavá** poderiam ter como protagonista qualquer morador das regiões marginalizadas do Brasil, o que faz parte do processo de mudança da representação da periferia, visto que levam ao leitor com verossimilhança as diversas facetas daquilo que é a realidade periférica, sem estereótipo de inferioridade. Sérgio Vaz, em entrevista para a Revista do Brasil, em 2016, garantiu que a arte periférica vem da dor e que funciona como subversão pelo simples fato de existir. O sujeito periférico inspira-se nessa arte, e a função do uso de nomes próprios também é essa: gerar identificação por meio da generalização, para que se tenha uma representatividade daquilo que pode ser alcançado, como vemos em “Pé de Pato”, e também daquilo que é a mais dura realidade circunstancial, como se vê em “A poesia dos deuses inferiores”, “Os Miseráveis”, “Gente miúda” e “Ornitorrinco”, configurando arte de denúncia e espaço para desabafo poético das mazelas cotidianas.

Referências

BRITO, A. N. de. **Nomes próprios - Semântica e ontologia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

- CÉSAR, C. Poeta das ruas de flores e espinhos. In: VAZ, Sérgio. **Flores de Alvenaria**. São Paulo: Global Editora, 2016.
- COSTA, C. F. **Teorias descritivistas dos nomes próprios**. Pelotas: Dissertatio, UFPel, p. 185-195, 2010.
- FERRÉZ. Terrorismo literário. In: FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. São Paulo: Global, 2005.
- FERNANDES, S. **Sérgio Vaz, criador da Cooperifa: ‘A periferia é um país’**. Revista do Brasil, ed. 121, 2016. Acesso em: 6 de dez. 2019. Disponível em: <redebrasilatual.com.br/revistas/a-periferia-e-um-pais-2631/>
- HOLLANDA, H. B. de. Caminhos de um poeta cidadão. In: VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia: histórias de um povo lindo e inteligente**. São Paulo: Global Editora, 2012.
- MILANO, L. O sertão em voz alta. **Signo**, v. 42, p. 76, 2017.
- PLATÃO. Crátilo. In: **Teeteto – Crátilo**. 3ed. rev. Belém: EDUFPA, 2001. p. 145-229.
- RUSSELL, B. On Denoting. In: **Mind**, vol 14, pp. 479-493, 1905.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916]
- VAZ, S. **Colecionador de pedras**. São Paulo: Global Editora, 2013.
- _____. Lambe-lambes com poesia de Sérgio Vaz são espalhadas pela periferia de São Paulo. Entrevista concedida a Gisele Brito. **Rede Atual Brasil**. São Paulo, online, 24 fev. 2014. Disponível em: <<https://dev.redebrasilatual.com.br/cultura/lambe-lambes-com-frases-poeticas-de-sergio-vaz-sao-espalhadas-em-bairros-perifericos-de-sp-9963/>>. Acesso em: 03 nov. 2022.
- _____. **Literatura, pão e poesia: histórias de um povo lindo e inteligente**. São Paulo: Global Editora, 2012.
- _____. Sérgio Vaz, criador da Cooperifa: ‘A periferia é um país’. Entrevista concedida a Sarah Fernandes. **Revista do Brasil**, São Paulo, ed. 121, online, 12 set. 2016. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/a-periferia-e-um-pais-2631/>>. Acesso em: 30 out. 2022
- _____. (Poeta Sérgio Vaz). **Num país onde quase ninguém lê, escrever é quase um sacerdócio**. São Paulo, 4 jan. 2018. Facebook: poetasergio.vaz2. Disponível em: <<https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/1570531299692948/>>. Acesso em: 2 nov. 2022.



Proper names in Sérgio Vaz: generalization of the peripheral subject and consequent identification

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 8

Number 1

Abstract:

Marginal literature, a strong national contemporary movement, brings to light discussions that were made secondary by the ruling elite of what is canonically established as art, as beauty and as Literature. Therefore, this article aims at promoting a debate regarding the representation of the peripheral subject in the work of poet Sérgio Vaz, who is part of the marginal literature movement. Through the use of the theory of proper names, an analysis on the generalization of the peripheral subject is done in the poems “Pé de Pato”, “Os Miseráveis”, “A poesia dos deuses inferiores”, “Gente miúda” and “Ornitorrinco”. The main conclusion is that the generalization made through the use of the proper names generates an identification in the peripheral reader, who, by filling the semantic gap of the proper names, sees themselves mirrored in this art.

Keywords: marginal literature; Sérgio Vaz; poetry; semantics; proper names.